O impossível futuro da Europa ou *O último europeu 2284* de Miguel Real

Maria Cristina Pais Simon

> Estavam, deixaram de estar.
> Existiam, deixaram de existir.
> (Miguel Real)[1]

Eis o que conclui n'*O último europeu 2284* de Miguel Real o narrador, um velho sábio estudioso das democracias do passado e incumbido pelos seus governantes de deixar escrita a *Crónica da criação e da extinção da Nova Europa*, desde a sua origem, nos finais do século XXI, à sua extinção no século XXIII.

As descobertas e os avanços tecnológicos dos séculos XXI e XXII, pré-história da humanidade, levaram, em 2184, à fundação da Nova Europa, pensada por filósofos, cientistas, ecologistas, engenheiros biológicos e arquitectos ambientalistas, e instituída contra a demagogia da «falsa democracia»;

> uma sociedade perfeita, em que não havia lugar para a fome, a miséria, a doença artificial [...] não havia lugar para a desigualdade, a injustiça, a guerra, a simples violência individual, uma organização social em que predominava, como rainha ética, a harmonia entre a tolerância e a liberdade, mesmo que só mental, a sociedade mais perfeita até hoje criada (Real 2015, 28).

Erigida num espaço compreendido entre o antigo Portugal e a antiga Polónia, foi, no decurso do "Êxodo", «constituída por um pequeno comité de dirigentes de todos os antigos países da então União Europeia» que, «após um século de esforço titânico de união, entre 1950 e 2050» (Real 2015, 39, 42) acabou por se desintegrar.

[1] Cfr. Real 2015, 80.

Maria Cristina Pais Simon, Sorbonne Nouvelle University, France, marie-christine.pais-simon@sorbonne-nouvelle.fr

Referee List (DOI 10.36253/fup_referee_list)
FUP Best Practice in Scholarly Publishing (DOI 10.36253/fup_best_practice)

Maria Cristina Pais Simon, *O impossível futuro da Europa ou* O último europeu 2284 *de Miguel Real*, © Author(s), CC BY 4.0, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3.25, in Michela Graziani, Annabela Rita (edited by), *Europa: um projecto em construção. Homenagem a David Sassoli*, pp. 255-260, 2023, published by Firenze University Press, ISBN 979-12-215-0010-3, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3

Embora salvaguardada pela Bolha Hiperatómica de Protecção e Segurança, a Nova Europa vem, porém, sendo ameaçada de invasão, desde o ano de 2260, pelo «absolutismo Oriental» dos «Mandarins de Tóquio, Pequim, Xangai, Nova Deli» (Real 2015, 24), que, já senhores da África, pretendem libertar-se do seu excedente de 500 milhões de habitantes, exterminar ou escravizar os neo-europeus e dispor dos seus incomparáveis conhecimentos científicos. No respeito dos princípios éticos e pacifistas em que assenta a Nova Europa, o Conselho dos Pantocratas recusa-se a qualquer contra-ataque atómico susceptível de contaminar o território europeu durante três mil anos.

Concomitantemente, populações bárbaras, resíduos da Velha Europa habitando nos Baldios, «fundados em antigas filosofias individualistas, esperam igualmente o Fim» (Real 2015, 19), pelo que, transpondo o Cordão Verde de Segurança, fronteira electrónica que as separa da Nova Europa, invadem, pilham e cometem os mais atrozes massacres nos Conglomerados, sendo, por fim, exterminadas pela Grande Ásia.

Considerando a perpetuação da Nova Europa como um dever ético, e «desejando um futuro igual ao passado» (Real 2015, 30), sessenta neo-europeus juntam-se em Dunquerque donde, guiados pelo velho sábio, o Reitor, partem, no maior segredo das potências mundiais – Império Americano, Grande Ásia, Rússia – para a Ilha do Pico, no devastado arquipélago dos Açores, na esperança de edificar a Novíssima Europa.

Este notável romance de Miguel Real, publicado precisamente quinhentos anos após a *Utopia* de Thomas More (1516), homenageado na dedicatória e citado no capítulo III (além de ter sido elevado a santo patrono dos homens políticos pelo Papa João Paulo II, em 2000), retoma, claramente, em numerosos aspectos, a obra do escritor e político inglês. Inspira-se também, certamente, nas lendas dos paraísos sonhados e buscados pelos mareantes e exploradores do passado, bem como em sistemas filosóficos constitutivos do pensamento ocidental: *A República, O Político* e *As Leis* de Platão; o Humanismo renascentista e o seu ideal de homem universal; a filosofia racionalista de Hobbes, e em particular o *Leviatã*; o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, o *Emílio*, e o *Contrato social* de Rousseau, principalmente nos capítulos dedicados à Novíssima Europa.

A utopia constitui-se na base de uma realidade que ilustra implicitamente e que suplanta, pelo que «a organização social mais perfeita criada pela humanidade» (Real 2015, 177), tem, na economia deste romance publicado um ano após o início das hostilidades entre a Rússia e a Ucrânia, a função de proporcionar uma reflexão sobre a Velha Europa dos «povos decadentes, de quem nada de bom se pode esperar» (Real 2015, 93); uma Europa alheia aos pactos sociais que a fundamentaram, em que o homem é um lobo para o homem, retomando a célebre locução de Plauto, e na qual reconhecemos a actual União Europeia. Para esta reflexão contribuem no texto pistas de legibilidade que remetem para momentos cruciais da história da Europa e do mundo, e para as quais meia palavra basta: «Dunquerque», «Êxodo», «Solução Final», «Cordão Verde de Segurança» – fictício Muro de Berlim? –, bandeiras exibindo simbólicas águias, «a América para os americanos» ...

Nos passos consagrados n'*O último europeu* à Velha Europa, «bárbara e cruel» (Real 2015, 18), encontram-se também subjacentes, e violados, todos os princípios dos textos fundadores da União Europeia, reunidos na *Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia* (2007), e reafirmados na recente Conferência Sobre o Futuro da Europa de 2021-2022: dignidade, liberdade, solidariedade, justiça, a fim de «partilhar um futuro de paz, assente em valores comuns» (European Union Agency for Fundamental Rights 2007-2022). De igual modo, «o respeito universal aos direitos e liberdades fundamentais do ser humano» como «ideal comum a ser atingido por todos os povos e por todas as nações» (cfr. UNICEF Brasil [s.d.]), estipulados no Preâmbulo da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, novo pacto social que, em 1948, na sequência da guerra de 1939-1945, teve por objectivo «promover o progresso social e melhores condições de vida e o desenvolvimento das relações amistosas entre as nações» (cfr. UNICEF Brasil [s.d.]), deixaram de fazer sentido.

O oportunismo e a incapacidade dos dirigentes, a especulação financeira e os monopólios capitalistas assentes em alianças duvidosas, a inflação, a exploração do homem pelo homem, o consumismo desenfreado, a carência do mínimo vital, de assistência e de hospitais públicos, as pandemias, o trabalho intensivo, eis o que vinga na Velha Europa onde «ter mais é ser mais, ser mais é ter mais poder» (Real 2015, 81), o que impossibilita qualquer veleidade de união. Estilhaçada pelas rivalidades entre clãs e pelo ressurgimento de ideologias nacionalistas – como na realidade vem acontecendo em vários países da União, e como se verificou uma vez mais neste 25 de setembro em que *Fratelli d'Italia* ganhou o Parlamento italiano –, esgotada dos seus recursos energéticos, a Velha Europa deperece em 2084 na sequência da 'Grande Fome'.

«Não tinha já cura a Europa» (Real 2015, 93), lamenta o Reitor referindo-se à União cuja extinção corresponde ao fim da pré-história da humanidade, no ano de 2170. A Nova Europa, herdeira da Europa humanista «criadora da grande Filosofia, da grande Ciência e da grande Arte» (Real 2015, 108), obedece a «uma nova concepção de História, uma história humana fundada na realização de uma sociedade totalmente comunitária, isto é, igualitária e justa, na qual cada membro contribui para o conjunto com o máximo das suas potencialidades, recebendo em troca a satisfação integral das suas necessidades» (Real 2015, 41).

Na obra de Miguel Real, o impossível futuro da Europa exprime-se precisamente pelo advento de uma sociedade que só a utopia ou a ficção científica podem suster: um espaço obrigatoriamente isolado da restante humanidade no qual a harmonia está incondicionalmente submetida a manipulações informáticas do cérebro humano passando o homem, deste modo, da condição de *homo* de «cérebro reptiliano e mamífero» (Real 2015:,19), à de *homo humanus*, «Puro cérebro racional [...] puro ser pensante, sem crenças metafísicas, religiosas ou científicas» (Real 2015, 54), alheio a qualquer sentimento ou emoção, cujas consequências não podem ser senão funestas, um super-homem, em suma, como ajuiza o Reitor que evoca nos seguintes termos a sociedade perfeita:

> Desde há 150 anos que projectamos e registamos o nosso pensamento no Grande Cérebro Electrónico cuja função é prestar ordem sintáctica e lógica aos imperfeitos raciocínios humanos, aformoseando-nos segundo os preceitos da Grande Ordenação. [...] É considerada um acto caprichoso, fútil e herético uma decisão individual que não tenha em conta os ditames do Grande Cérebro Electrónico, ou seja, os seus "aconselhamentos", que, por serem lógicos e se submeterem às necessidades sociais, são encarados como verdadeiramente sábios. A actual filosofia da Europa é profundamente humanista. Somos livres de pensar, de propor, de criar alternativas de vida, de querer e desejar, mas devemos atender aos conselhos do Grande Cérebro Electrónico, que reúne a experiência de cerca de 150 anos de sabedoria social, não permitindo que, pelos desejos individualistas e narcisistas de cada Cidadão Dourado, a organização científica dos Conglomerados se estiole, enfraquecendo-se, regressando-se aos velhos tempos da desigualdade e da injustiça sociais, do aterrador domínio do trabalho obrigatório sobre o prazer próprio e da perversão das leis harmónicas da natureza (Real 2015, 16-7).

Privando o homem da faculdade de pensar por si próprio, em plena liberdade, a sociedade ideal revela-se, se bem que de forma diferente de outras sociedades decadentes e injustas evocadas no romance, um estado totalitário em que o Grande Cérebro Electrónico, tal o Leviatã de Hobbes ou o Big Brother de George Orwell em *1984*, se apropria das mentes para que sejam escrupulosa e infalivelmente cumpridos os mandamentos da Grande Ordenação, gravados, aliás, no hipercórtex a que se substituiu o córtex humano. Assim sendo, qualquer eventualidade de comunidade humana não é senão, como a Nova Europa, «um sonho, uma utopia [...] realizado por homens sábios, cientistas geniais, mas românticos e sonhadores» (Real 2015, 252).

Na sequência dos ataques da Grande Ásia e do corte da única rede de abastecimento energético de que depende totalmente a Nova Europa, os neo-europeus, desconectados do Grande Cérebro Electrónico, e «não detectando soluções no seu hipercérebro racional» de 2000 cm^3 (Real 2015, 52) regridem, passando a ceder a emoções, a pulsões animais acirradas pela situação de guerra, numa «profunda confusão e descoordenação, próprias dos povos bárbaros…» (Real 2015, 27). A queda final dá-se, porém, na Ilha do Pico onde, não conseguindo aplicar os princípios da Grande Ordenação à nova sociedade, e dotados somente do córtex, os novíssimos-europeus entram progressivamente num processo de decadência física e moral resultante de constrangimentos próprios do estado natural a que regressam. «Imperfeitos, habitando uma sociedade imperfeita, deliciam-se com a imperfeição, os seus limitados cérebros não admitem a existência de uma sociedade perfeita» (Real 2015, 236), comenta o Reitor, o último europeu, fazendo o balanço de um «presente [...] tão carregado de passado e tão grávido de futuro» (Real 2015, 176). Em 2299, quinze anos após a sua implantação na Ilha do Pico onde o Império Americano, em recessão económica e vítima de ataques terroristas, acaba de descobrir as maiores fontes energéticas do mundo, os novíssimos-europeus são capturados e levados para o «Mundo

Disney»; mais de meio milhar de crianças será vendido a famílias americanas; a restante população, susceptível de reivindicar, pela sua formação e pela sua experiência social, direitos humanos incompatíveis com a «ditadura democrática» ou «Tecnocracia Democrática» em vigor na pátria de Monroe, será exterminada no decurso da 'Solução Final'.

«Futuro», «esperança» «reconstruir», «igualdade», «liberdade», «justiça», «democracia» «protecção», «dignidade», «direitos humanos»… são termos recorrentes n'*O último europeu 2284*; são também os que pautam os discursos de David Sassoli que, a 16 de dezembro de 2021, numa das suas últimas intervenções, e no momento preciso em que decorria a Conferência sobre o Futuro da Europa, reconhecia, como o velho Reitor, perante o Conselho da Europa, que «a nossa União é imperfeita». Crente, porém, no futuro de uma Europa «mais forte, mais democrática, com maior justiça social», ultrapassando as diferenças entre as suas nações, e «guiando e iluminando como um farol», afirmava que «o nosso desafio consiste em construir um novo mundo respeitador do Homem e da natureza, com uma economia ao serviço do bem-estar de todos, e não somente ao serviço dos interesses de alguns» (Sassoli *apud* Boulasha 2022). Neste discurso em que defendeu um «projecto europeu de esperança», «projectos ambiciosos para a nossa Europa», o Presidente do Parlamento Europeu não só admitia a necessidade de uma remodelação do projecto de desenvolvimento europeu como também respondia ao que a 25 de abril de 2020, dia comemorativo da libertação da Itália do fascismo e do nazismo, realçara numa entrevista aos mídias do Vaticano: «Temos de fazer ver que na liberdade, na democracia, no respeito dos direitos fundamentais do homem e no valor da vida, podemos viver melhor e melhorar o nosso nível de vida. Se a Europa se desmoronar, quem no mundo de hoje em dia poderá hastear a bandeira dos direitos humanos ?» (Sassoli 2020).

«A Europa perdeu um líder, a democracia perdeu um defensor» (Metsola 2022), afirmou a presidente interina do Parlamento Europeu, Roberta Metsola, na homenagem prestada a David Sassoli em Estrasburgo, a 17 de janeiro de 2022, onde também Enrico Letta, primeiro ministro de Itália, confirmou que «a luta de David pela democracia, liberdade e Estado de direito tem sido uma inspiração para todos nós» (Letta 2022); «Continuaremos o teu trabalho. As tuas lutas continuarão a ser as nossas lutas» (Letta 2022), asseverou. Façamos nossas estas palavras para que não sejamos os últimos europeus.

Referências bibliográficas

Boulasha, D. 2022. "Hommage à David Sassoli, passionné par l'Europe et 'uomo perbene'." *Altriitaliani.net*. https://altritaliani.net/hommage-a-david-sassoli-passionne-par-leurope-et-uomo-perbene/ (10/22).

European Union Agency for Fundamental Rights 2007-2022. "A Carta dos Direitos Fundamentais da União Euopeia. Preâmbulo." *European Union Agency for Fundamental Rights*. https://fra.europa.eu/pt/charter-title/preambulo (10/22).

Letta, E. 2022. "Cerimónia de homenagem ao presidente David Sassoli: *A tua luta pela democracia continuará*." Parlamento Europeu. https://www.europarl.europa.eu/

news/pt/press-room/20220114IPR21010/cerimonia-de-homenagem-a-david-sassoli-a-tua-luta-pela-democracia-continuara (10/22).

Metsola, R. 2022. "Cerimónia de homenagem ao presidente David Sassoli: *A tua luta pela democracia continuará*." Parlamento Europeu. https://www.europarl.europa.eu/news/pt/press-room/20220114IPR21010/cerimonia-de-homenagem-a-david-sassoli-a-tua-luta-pela-democracia-continuara (10/22).

Real, M. 2015. *O último europeu 2284*. Alfragide: Publicações D. Quixote.

Sassoli, D. 2020. "L'Europe symbolise l'attention concrète aux personnes." Entretien réalisé par Andrea Monda – Cité du Vatican. *Vatican News*. https://www-vn.azureedge.net/fr/monde/news/2020-04/david-sassoli-l-europe-symbolise-l-attention-concrete-aux-pers.html (10/22).

UNICEF Brasil. [s.d.]. "Declaração Universal dos Direitos Humanos Adotada e proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas (resolução 217 A III) em 10 de dezembro 1948. Preâmbulo." *UNICEF Brasil*. https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos (10/22).